



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

O ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO E SUA PERMANÊNCIA NA CULTURA POPULAR

THE ALMANAC LUNÁRIO PERPÉTUO AND ITS PERMANENCE IN POPULAR CULTURE

Leonardo Talone Neto – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Regina Maria Marteleto – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O “Lunário Perpétuo” é um almanaque de ampla circulação no Nordeste brasileiro que inspirou estudiosos, folcloristas, artistas e, sobretudo, a cultura popular durante séculos. Criado pelo espanhol Jerónimo Cortés (1555-1615), se insere na tradição dos almanaques populares, contendo conhecimentos e saberes relacionados a diversos temas, como astrologia, previsões do tempo, astronomia, calendários, saúde, religião, agricultura, veterinária, além de elementos próprios de almanaques populares, como provérbios e conselhos para o bem-viver. O objetivo é compreender as formas como o Lunário alcançou permanência documentária e informacional na cultura brasileira através de suas releituras e apropriações por diferentes atores. No tratamento conceitual, estudam-se os almanaques enquanto documentos, objetos culturais e dispositivos infocomunicacionais da cultura popular escrita. Na metodologia, realizam-se dois procedimentos: a) análise de um corpus de exemplares do Lunário, a fim de identificar sua estrutura e temáticas recorrentes; b) análise de sua releitura pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no Carnaval do Rio de Janeiro, que em 2024 teve como enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”. Nos resultados, apresentam-se elementos que apontam para um modo de ser do Lunário, que sustentou sua releitura por escritores e artistas como Ariano Suassuna e Antonio Nóbrega e sua inspiração para artistas populares por meio do sentido de festa, símbolo de força e resistência da cultura popular, como trabalhado pelo historiador Luiz Antônio Simas. Conclui-se que o Lunário é um documento e dispositivo infocomunicacional que continua presente na memória e na cultura, e destaca a relevância duradoura da comunicação popular escrita.

Palavras-chave: Almanaque; Lunário Perpétuo; Documento; Dispositivo infocomunicacional; Comunicação popular escrita.

Abstract: “Lunário Perpétuo” is an almanac widely circulated in Brazilian Northeast that has inspired scholars, folklorists, artists and, above all, popular culture for centuries. Created by the Spaniard Jerónimo Cortés (1555-1615), it is part of the tradition of popular almanacs, containing knowledge and wisdom related to various topics, such as astrology, astronomy, calendars, health, religion, agriculture,

veterinary, in addition to typical elements of popular almanacs, such as proverbs and well-being advice. The objective is to understand the ways in which Lunário achieved documentary and informational permanence in Brazilian culture through its reinterpretations and appropriations by different actors. Conceptually, almanacs are studied as documents, cultural objects and infocommunicational devices of written popular culture. Methodologically, two procedures are carried out: a) analysis of a corpus of Lunário copies, in order to identify its structure and recurring themes; b) analysis of its reinterpretation by the Unidos do Porto da Pedra Samba School at the Rio de Janeiro Carnival, which in 2024 had as its plot “Lunário Perpétuo: the prophetic of popular knowledge”. The results present elements that point to a way of being of Lunário, which supported its reinterpretation by writers and artists such as Ariano Suassuna and Antonio Nóbrega and its inspiration for popular artists through the sense of celebration, a symbol of strength and resistance of popular culture, as theorized by historian Luiz Antônio Simas. Concludes that Lunário is a document and infocommunicational device that continues to be present in memory and culture, and highlights the lasting relevance of written popular communication.

Keywords: Almanac; Lunário Perpétuo; Document; Infocommunicational device; Written popular communication.

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de fevereiro de 2024, a Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, abriu a noite de desfiles do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, no Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Com o enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”, a Escola reverenciou os ensinamentos de um almanaque do final do século XVI conhecido como “Lunário Perpétuo”, criado pelo espanhol Jerónimo Cortés (1555-1615). O almanaque circulou amplamente pela Espanha e Portugal, foi trazido ao Brasil pelos colonizadores e tornou-se o livro mais lido nos sertões do Nordeste durante dois séculos, influenciando profundamente a cultura popular da região (Almeida, 2012; Cascudo, 2008).

O desfile prestou homenagem aos saberes populares e à cultura nordestina, explorando uma variedade de elementos inspirados no Lunário e no imaginário que o envolve, com temas como a busca pelo saber, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma e as ervas medicinais populares (Porto da Pedra, 2024). No Nordeste, o Lunário foi amplamente difundido especialmente através de artistas populares, poetas, cantantes e emboladores que buscavam nele fonte de inspiração, bem como de variados leitores ávidos por saberes sobre curas, tratamentos de doenças, prognósticos lunares, horóscopo e muito mais (Marteleto; Dourado, 2019). O almanaque era muito presente nas residências, e foi “possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado, e seus ensinamentos devidamente apropriados” por gerações de famílias (Figueirêdo, 2014, p. 27).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Luiz Antonio Simas (2018), historiador, professor e pesquisador da cultura popular no Brasil, publicou em 2018 o livro “Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular”, inspirado nos almanaques populares. Em um de seus verbetes, cita o Lunário e o define como “um dos livros fundamentais do Brasil”. Segundo ele, Luís da Câmara Cascudo, folclorista e historiador, “morreu cego, mas com um exemplar do Lunário Perpétuo, edição de 1918, em cima do criado-mudo”. Capistrano de Abreu, importante historiador do século XIX, “dizia não acreditar em padres, feiticeiros, filósofos ou coisas que o valha. Não abria mão, porém, de consultar o Lunário para informar-se sobre os desígnios dos astros”. Ainda hoje os cantadores de São José do Egito consultam “velhíssimas edições do livro para versar seus desafios em gestas imemorais” (Simas, 2018, p. 248).

O Lunário Perpétuo, como é popularmente conhecido, mas cujo título completo é “O non plus ultra do lunário e prognóstico perpétuo geral e particular para todos os reinos e províncias”, foi originalmente publicado em 1594 em Valência, na Espanha (Almeida, 2012). Foi reeditado várias vezes, tendo sido expurgado pela Inquisição em 1632, em seguida revisto e publicado em nova versão, sendo um dos livros escritos em castelhano mais populares de todos os tempos. Foi traduzido para o português por Antonio da Silva de Brito e publicado em Portugal pela primeira vez em 1703, na oficina de Miguel Menescal em Lisboa (Medeiros, 2015). Cruzando o Oceano Atlântico e desembarcando no Brasil durante o período em que era colônia portuguesa, o Lunário foi gradualmente se difundindo no país, se estabelecendo como fonte de informação de grande popularidade e ampla circulação.

É um livro repleto de informações, conhecimentos e saberes relacionados a uma variedade de temas, como astrologia, horóscopo, previsões do tempo, fases da lua, eclipses do sol, calendários, festas móveis, receitas médicas, remédios, vidas de santos, biografias de papas, conhecimentos agrícolas, veterinária e outras generalidades (Cascudo, 2008). Contém também elementos próprios aos almanaques populares, como provérbios e conselhos para o bem viver, oferecendo conselhos e orientações que visam a saúde do corpo e da alma. O Lunário foi para muitos um manual que ensinava sobre a vida, tanto em questões práticas quanto existenciais, bem como uma enciclopédia de consulta constante e atemporal.

Com tamanha relevância informacional e cultural, é de se surpreender como os exemplares do Lunário, bem como dos almanaques em geral, não foram considerados válidos o bastante para merecer uma preservação institucional sistemática no Brasil. Quase se perderam, como observam Marteleto e Dourado (2019). Com raras exceções, como a

Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura, em geral os almanaques não foram considerados dignos de guarda pelas instituições oficiais, como bibliotecas, arquivos e museus. Muitos dos almanaques remanescentes sobreviveram graças às coleções de acervos pessoais, frequentemente transmitidos por gerações familiares (Dourado, 2018).

Nesse sentido, a pesquisa tem como pergunta de partida: de que formas o Lunário Perpétuo permanece e se manifesta na cultura popular brasileira? Portanto, o objetivo da pesquisa é de compreender os modos como o Lunário Perpétuo alcançou permanência documentária e informacional na cultura brasileira através de suas releituras e apropriações por diferentes atores. Inserido em uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado sobre a presença do Lunário na cultura brasileira, este artigo busca analisar uma de suas manifestações: a releitura do almanaque realizada pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra em seu desfile de 2024.

Aqui, compreendemos os almanaques como documentos, objetos culturais e dispositivos de informação e comunicação da cultura popular escrita. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o Lunário Perpétuo é uma importante fonte de informação e cultura, com grande relevância social, cultural e informacional nos contextos sócio-históricos em que circulou, além de ainda permanecer na cultura popular, inspirando poetas, escritores, cantadores, músicos e artistas nos dias de hoje.

2 ALMANAQUES: DOCUMENTOS E DISPOSITIVOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA CULTURA POPULAR ESCRITA

Os almanaques são publicações populares que trazem informações úteis de várias naturezas, considerados verdadeiras “enciclopédias populares”. Caracterizam-se pela mistura de diferentes formas de enunciação e de organização de saberes e discursos diversos (Dourado; Marteleto, 2017; Marteleto; Couzinet, 2013). Guerreiro e Correia (1986, p. 4) caracterizam estes documentos como obras práticas de fácil e permanente consulta, com estruturas variadas, mas que em geral se organizam tendo como referência um calendário, com registro de datas religiosas e fases da lua. Em relação aos conhecimentos que abrangem, costumam abordar “dados astronômicos e meteorológicos, efemérides, [...] curiosidades, conselhos práticos, [...] notas sobre acontecimentos, fenômenos ou personagens, [...] notas astrológicas [...], anedotas, adivinhas, provérbios, quadras e mesmo algumas poesias”.

Sua difusão se expande no século XV, na Europa, após a invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg, tendo circulado amplamente no Brasil nas cidades e na zona rural. O almanaque tem um papel importante em ajudar a contar a história dos modos de circulação do que Jeanneret (2008) designa de “objetos culturais”. Desde os almanaques manuscritos, passando pelos almanaques que se popularizaram com a criação da imprensa e os almanaques de farmácia brasileiros do século XX, até os formatos contemporâneos, os almanaques tiveram importante papel na formação de uma sociedade leitora, especialmente entre as camadas mais humildes e rurais.

Considerado por estudiosos como o “livro dos iletrados” (Meyer; Aguirre, 2001, p. 133) e o “livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem ler” (Chartier, 2010, p. 9), devido ao seu caráter de leitura fácil e sua forte relação de texto-imagem, o almanaque reúne em torno de si toda uma tipologia de práticas de leitura. Da leitura individual para a leitura coletiva, da leitura em voz baixa para a leitura em voz alta, tem-se toda uma gama de possibilidades, que passam também pela leitura do texto escrito para a leitura visual de imagens, da leitura direta para a leitura ouvida, da leitura por utilidade para a leitura por lazer. Os almanaques se fazem um “instrumento da conquista maravilhada da escrita” para os leitores mais humildes, como observa Chartier (2010, p. 12).

Botrel (2001, p. 18) destaca o caráter enciclopédico e vetor de progresso dos almanaques. Eles oferecem “receitas práticas ou aulas [...] úteis ou necessárias para a vida cotidiana dos indivíduos – sem esquecer seus aspectos recreativos –, ou para a construção de laços comunitários”. Ele afirma que os almanaques são ao mesmo tempo “guia” e “semiologia do tempo”, e estes documentos testemunham, “para além de todas as fronteiras, as constantes interrogações humanas sobre o tempo da vida, antes que chegue o tempo da morte e das obrigações da vida em sociedade”. Nos almanaques, a “preocupação pela saúde espiritual foi também acompanhada por muito úteis informações para os cuidados e até mesmo a sobrevivência do corpo” (Botrel, 2001, p. 17), evidenciando a importância da temática da saúde corporal e espiritual tratadas por estes documentos de cultura popular.

Considerando o caráter popular dos almanaques, cabe abordar o conceito de “cultura popular”. Burke (2010) define o termo como uma cultura não oficial, uma cultura da não elite, das classes subalternas. Existem muitas culturas populares e elas não são delimitáveis: uma cultura é um sistema de limites indistintos e não é possível dizer onde começa uma e termina a outra. Deve-se destacar que sempre existiu um tráfego de mão dupla entre a dita “cultura

popular” e a “cultura erudita”: elas se afetam mutuamente. As elites e o povo sempre consumiram e se apropriaram de elementos tanto da cultura “erudita” quanto da “popular”.

Pellegrini Filho (2009) realizou um levantamento sobre diferentes manifestações e suportes de comunicação popular escrita, coletando e classificando mais de 10.000 manifestações de mais de 100 países. O autor define a “comunicação popular escrita” como um universo “de manifestações verbais, comuns em sociedades letradas e feitas em diversos suportes [...], sendo de se notar a presença de liberdade de expressão, mimese, constante atualização e reatualização de conteúdos (em função de contextos socioculturais)”. Dentre os gêneros analisados, o autor classifica os almanaques dentro da classe de brochuras populares.

Ainda que para muitos os almanaques sejam vistos como “não-documentos”, devido ao seu caráter de publicação popular dirigido às camadas menos ilustradas social e culturalmente, estes objetos constituem-se de fato como documentos, que carregam em torno de si forte dimensão social, cultural, informacional, material e simbólica. Circulam em uma ampla rede de atores e são apropriados pelos sujeitos, que criam diferentes leituras, significados e conseqüentemente novas informações e documentos.

De acordo com Meyriat (2016, p. 241), um “documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar e que é durável (a comunicação pode, assim, ser repetida)”. Para ele, a definição de documento opera por meio de duas noções inseparáveis: “uma de natureza material (o objeto que serve de suporte), e outra conceitual (o conteúdo da comunicação, isto é, a informação)” (Meyriat, 2016, p. 241).

Para Frohmann (2008), o documento é a maneira pela qual a informação se materializa, e a “materialização da informação através da documentação nos ajuda a compreender o caráter público e social da informação” (Frohmann, 2008, p. 30). Para o autor, sem a atenção à materialidade da informação, isto é, à documentação, muitas das considerações culturais, sociais, políticas e éticas se perdem nos estudos da informação. Como Marteleto e Nóbrega (2006) destacam, as práticas informacionais se dão nos domínios da cultura: são processos sociais e culturais, e seus contextos são determinantes para sua efetivação. Portanto, a informação não é uma entidade, material ou processo separada das práticas e representações dos sujeitos sociais, que estão inseridos em espaços e contextos culturais. “A informação, o conhecimento, a comunicação são fenômenos que se concretizam tanto nas práticas e representações sociais, como nas relações que se estabelecem entre os sujeitos coletivos” (Marteleto; Nóbrega, 2006, p. 40, tradução própria).

A informação pode ser compreendida, assim, como elemento de produção de sentido, de modificação de estruturas sociais, cognitivas e linguísticas, com grande poder de significação e transformação da realidade. Nesse sentido, considerando as práticas informacionais como processos culturais, devemos voltar o olhar “para os discursos e documentos da cultura, porque é através deles que observamos mais profundamente as interpretações e os vínculos simbólicos e materiais que as sociedades históricas estabelecem com a realidade” (Marteleteo; Nóbrega, 2006, p. 35, tradução própria). Retomando a noção foucaultiana de discurso, pode-se afirmar que é nos discursos que percebemos com mais detalhes a informação (a própria cultura) como produto construído coletivamente pelos sujeitos sociais, pelas suas representações e ações, ou seja, pelas suas práticas informacionais. Para Marteleteo e Nóbrega (2006, p. 41), podemos entender o documento, então, como um objeto testemunhal, significando uma materialidade portadora de um discurso de poder. O documento, nesse sentido, é cada vez mais um texto a ser apreendido através da leitura que o decifrará como uma possibilidade crítica de apreensão do mundo, ou, em outros termos, como um dispositivo de produção de sentidos.

O objeto ora em análise, o Lunário Perpétuo (bem como os almanaques populares em geral), enquanto documento da cultura e objeto testemunhal, carrega discursos, e é através deles que podemos compreender as interpretações e vínculos simbólicos e materiais que os atores que o produziram e o apropriaram estabeleceram com a realidade (Marteleteo; Nóbrega, 2006). Enquanto documento, se estabelece como um dispositivo de produção de sentidos, ou, em outros termos, como um dispositivo infocomunicacional.

O uso do termo “dispositivo” no contexto das ciências sociais tem origem na formulação realizada por Michel Foucault (1994). Para ele, dispositivo é um conjunto heterogêneo que inclui “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: o dito, assim como o não-dito” (Foucault, 1994, p. 299, tradução própria). Foucault entende que o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Marteleteo e Couzinet (2013, p. 8) compreendem que o conceito de dispositivo pode ser estudado e empregado para compreender “os arranjos técnicos de informação e comunicação e, neles, o papel indispensável de redes heterogêneas na produção de saberes, de relações de poder, de subjetividades e de objetividades”. As autoras compreendem que se um dispositivo tem a intenção de fazer saber, tal intenção é indissociável do conteúdo. “Este

último, em cujo âmbito a informação encontra-se latente, constitui também uma razão de ser do dispositivo” (Marteleto; Couzinet, 2013, p. 8). Um documento, dessa forma, pode ser analisado como um dispositivo. Para Jeanneret (2005), o dispositivo infocomunicacional é estudado na Ciência da Informação enquanto objeto material mediador que designa o conjunto de substratos materiais da comunicação. Agostinelli (2009) define estes dispositivos como artefatos de comunicação que amplificam a comunicação, organizam a interação humana e modificam os modos de produção, de gestão e de tratamento da informação.

De acordo com Marteleto e Couzinet (2013, p. 4), para estudar o dispositivo infocomunicacional e mapear suas zonas de mediações é importante compreender que ele “está associado aos quadros de ação dos sujeitos que o constituem, inseridos em determinadas estruturas e redes de relações e limitações que circunscrevem os usos e as apropriações dos conhecimentos, das técnicas e das informações”. Portanto, é importante indagar sobre os sujeitos e seu papel na construção ou desconstrução dos dispositivos como uma rede de elos sociais que ligam diversos atores: aquele que produz a informação, aquele que possibilita sua circulação através de artefatos técnicos, aquele que facilita sua difusão e aquele que se apropria da informação (Marteleto; Couzinet, 2013).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualitativa. Em um primeiro momento, foram realizadas diversas buscas por pesquisas e textos que tratam do Lunário Perpétuo, com o objetivo de alcançar a compreensão do seu valor social e histórico. Foram utilizadas as bases de dados Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Web of Science*; *Scopus*; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) e Google Acadêmico.

Os resultados das buscas foram bastante limitados, evidenciando a falta de literatura sobre este almanaque. Excluindo duplicatas, até o dia 24 de abril de 2024, foram encontrados 4 resultados na BDTD, 1 na Brapci, 3 no Portal de Periódicos da CAPES, e nenhum na SciELO, *Web of Science*, *Scopus* e LISTA. A busca no Google Acadêmico somou 328 resultados, e após busca minuciosa, verificou-se que destes, poucos resultam de pesquisas acadêmicas.

Foram buscadas também diferentes edições do *Lunário Perpétuo* em formato físico e digitalizado em bibliotecas, repositórios e outras plataformas, como o *Google Books* e *Open Library*. Foi possível acessar 43 exemplares de 35 edições que datam dos anos de 1598 a 2004, publicadas na Espanha e em Portugal. São 30 exemplares digitalizados e 13 exemplares físicos em bibliotecas brasileiras e em acervos pessoais.

Para os propósitos da pesquisa, estabeleceu-se um corpus documental de edições publicadas em Lisboa e Porto, em Portugal. A opção pelas edições portuguesas foi feita pelo foco de interesse da pesquisa relacionado ao contexto de circulação do *Lunário Perpétuo* no Brasil. Ao que tudo indica, essa circulação se deu predominantemente com edições de Portugal, pois não foram encontradas edições publicadas no Brasil. Os exemplares foram analisados a fim de identificar sua estrutura e temáticas recorrentes.

Em seguida, analisou-se a releitura do *Lunário Perpétuo* pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no Carnaval do Rio de Janeiro de 2024, concebida pelo carnavalesco Mauro Quintaes. A escola teve Diego Araújo como enredista, e o samba-enredo foi composto por Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. O desfile encontra-se disponível no *YouTube* e o samba-enredo e demais informações no site oficial da Escola de Samba (Porto da Pedra, 2024).

4 RESULTADOS

Tomando como referência o almanaque de Jerónimo Cortés, passemos à análise do desfile e do samba-enredo da Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra para que possamos refletir sobre as formas de circulação e permanência do *Lunário* na cultura popular brasileira a partir de suas releituras e apropriações no carnaval, bem como em outras manifestações culturais, como na música e na literatura.

O carnaval é uma das mais tradicionais manifestações de festa na cultura popular brasileira. Luiz Antonio Simas compreende o carnaval como a “festa da ancestralidade”, entendendo o ancestral como “algo que atravessa o tempo e [que] sempre será contemporâneo, sempre falará com o presente” (Simas, 2023). Ele afirma que o samba “é testemunho e fonte documental” e “nos sambas vivem saberes que circulam; formas de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias [...]; hábitos cotidianos: jeitos

de comer, beber, vestir [...], celebrar os deuses e louvar os ancestrais” (Simas, 2022, p. 114). Para ele, as festas são instâncias de construção de sociabilidades e terreiros de produção do conhecimento, que instauram formas sofisticadas de invenção do mundo e dão sentido de vida às comunidades. As festas são símbolo da força e resistência da cultura popular.

No carnaval, um desfile de escola de samba tem uma sequência lógica na qual as alas e os carros alegóricos contam uma história, um enredo. O desfile da Porto da Pedra possuía 6 carros alegóricos e 31 alas, e com eles a escola explorou uma variedade de elementos inspirados no almanaque e na cultura popular nordestina, com temas como a busca pelo conhecimento, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma, as ervas medicinais, os folhetos de cordel, as festas tradicionais e os saberes populares.

A comissão de frente era denominada “A busca incessante do saber” e o carro abre-alas se chamava “Alquimia dos saberes”, com a representação de alquimistas, da pedra filosofal, dos astros e dos saberes científicos que circularam na Europa medieval e moderna, além de uma representação de Jerónimo Cortés, criador do almanaque.

As alas seguintes narraram a travessia do Lunário da Europa para o Brasil, onde foi apropriado e suas informações amalgamadas a outros saberes. A travessia é evidenciada pelas alas “Cavalo-marinho”, simbolizando a passagem pelo oceano, e a ala “Conselheiro de quem veio d'outros cantos”, simbolizando os navegantes portugueses. A assimilação do Lunário com os saberes populares brasileiros é representada pelas alas “Saberes indígenas” e “Saberes africanos”. Uma ala denominada “Caixeiros viajantes” simboliza a circulação do Lunário a partir destas figuras que iam de cidade em cidade vendendo remédios, elixires, livretos, almanaques e uma variedade de artigos. A ala dos compositores, chamada “Cantadores do Sertão” também representa a circulação do almanaque por meio dos cantadores, músicos e recitadores que compartilhavam o Lunário através da oralidade e da música.

O samba-enredo diz em um trecho: “O sertão profetizou cada flor do cariri, a ciência desse povo eu não guardo só pra mim! Separei as folhas secas misturadas no pilão, confiei à rezadeira uma nova oração!” (Lunário [...], 2024). Aqui, diversos elementos evidenciam o conteúdo do Lunário e o imaginário que o envolve, como o caráter profético, a religiosidade, os saberes populares passados de geração a geração e os remédios de ervas medicinais. Os nomes de algumas das alas e carros também indicam a temática do almanaque: temos os carros “Profética da chuva”, “A casa dos horóscopos” e “Relicário da cura”, bem como as alas

“Céu estrelado”, “Predições dos signos”, “Proteção dos santos”, “Benzedeiras e parteiras”, “Mercadores de ervas e especiarias”, “Sementes e raízes”, “Folhas e flores”, entre outros.

Dentre os temas abordados pelo Lunário, têm-se elementos astronômicos, astrológicos e meteorológicos (horóscopo, signos, fases da lua, eclipses do sol, previsões do tempo), que se fundem em uma mescla de ciência e sabedoria popular. Estes elementos ficam evidentes nos trechos “Olhe pro céu onde a Lua vagueia, ô! As estrelas brilham no chão. Sabedoria é a luz que clareia!” e “Quarto minguante, a moringa quase seca, maré virou, virou luar! [...] Caboclo, tempo bom vem pra ficar!” (Lunário [...], 2024). A própria definição da palavra “Lunário” é a de um calendário baseado nas fases lunares, o que explica as diversas alusões à Lua. O Lunário é também “prognóstico”, cujo conceito é de previsão do que há de acontecer. Assim, fica evidente a centralidade da noção de tempo nestes dispositivos.

Ao narrar a jornada do Lunário desde suas origens até seus reflexos na cultura brasileira, a escola prestou homenagem também ao cordelista, poeta e astrólogo Manoel Caboclo e Silva (cuja obra é profundamente influenciada pelo Lunário), ao Movimento Armorial, à obra de Ariano Suassuna e ao artista Antonio Carlos Nóbrega, que desfilou no carro alegórico “O Lunário Perpétuo de um brincante”, que celebrava sua carreira e obra. O Movimento Armorial, do qual fez parte, foi uma iniciativa artística idealizada por Suassuna e lançado em 1970 com o objetivo de criar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da cultura (Newton Júnior, 2008).

Em seu trecho inicial, o samba-enredo diz: “vem, Antonio, vem, menino, seu destino é cirandar. Um brincante nordestino, a missão: perpetuar!” (Lunário [...], 2024). O Antonio mencionado é justamente Nóbrega, um multifacetado artista, reconhecido como ator, dançarino, músico e pesquisador das manifestações culturais populares do Brasil. Nóbrega, convidado por Suassuna nos anos 1970, integrou o grupo musical Quinteto Armorial. O artista lançou em 2002 um álbum intitulado “Lunário Perpétuo”, e em 2003, o álbum foi transformado em espetáculo e lançado em DVD, com direção de Walter Carvalho. A canção que dá nome ao álbum reverencia o almanaque, que é também guia que atravessa o tempo. Isso é evidenciado nos versos: “o meu Lunário Perpétuo é meu livro precioso, minha cartilha primeira, minha Bíblia de Trancoso”, e “meu lunário é conselheiro, é meu folheto, é meu missal. Atravessando os milênios, cada ponto cardeal, de norte a sul, de pai para filho, de lá para cá. Meu livrinho andarilho, fabuloso romançal” (Lunário [...], 2002).

O carro “Armorial da Arte Popular” homenageava Suassuna e o movimento por ele idealizado, trazendo diversos elementos de sua obra, como uma representação do “Auto da Compadecida”, peça de 1955 do escritor. A homenagem a Suassuna também evoca a influência que o Lunário teve em sua obra. Em 1971, Suassuna publicou o livro “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”. Seu protagonista, Quaderna, é escritor de almanaques, astrólogo e mantém uma coluna de horóscopo em um jornal. O romance faz várias alusões ao Lunário Perpétuo, que foi uma das principais fontes de leitura e consulta para os escritores de almanaques do Nordeste (Szesz, 2008). Em determinado momento da narrativa, em que Quaderna é interrogado acerca do seu conhecimento sobre ervas medicinais, o personagem responde: “o que eu sei de raízes é o que aprendi no Lunário Perpétuo e nas coleções do Almanaque do Cariri” (Suassuna, 2017, p. 383).

O próprio Suassuna foi leitor de almanaques sertanejos ainda na sua infância na Paraíba. O autor prestou homenagem a esse gênero ao intitular “Almanaque Armorial” sua coluna semanal no jornal Folha de S. Paulo, que durou de 2000 a 2001 (Newton Júnior, 2008). Em uma de suas colunas, o autor faz um elogio ao almanaque, afirmando que ele, “como gênero, recusa-se àquelas friezas intelectuais, cerebralistas e isoladoras e é, no mundo contemporâneo, um dos últimos herdeiros do Humanismo” (Suassuna, 2000b). Ele cita o Lunário em suas colunas iniciais, tomando-o como fonte de inspiração e afirmando que ele foi um livro muito importante em sua vida (Suassuna, 2000a; 2000b).

O samba-enredo da escola inclui em seus versos uma passagem que declara: “Sou seu Lunário, conselheiro imortal, já folheando cada ponto cardeal” (Lunário [...], 2024). Ao definir o almanaque como “conselheiro imortal” e citar os pontos cardeais, os versos destacam o papel de manual e guia que o Lunário e outros almanaques desempenhavam na vida dos sujeitos, que os consultavam para se informar sobre uma gama variada de assuntos. É “imortal” pois é um documento que atravessa os séculos e permanece na cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não tenha hoje a mesma circulação e influência que teve no Brasil até meados do século XX, o Lunário Perpétuo permanece no imaginário e na cultura popular brasileira. Isso é evidenciado pela influência que exerceu sobre muitos dos almanaques posteriores, que o tomaram como modelo e referência. Ele ajudou a perpetuar e transmitir

práticas, saberes e tradições aos leitores ao longo dos séculos. Sua permanência na literatura e na música é notável, presente nas obras de Ariano Suassuna e Antonio Nóbrega. Sua influência também se manifestou entre cordelistas e cantadores populares nordestinos, que recitavam trechos da obra, bem como na inspiração de artistas populares na festa do carnaval, símbolo da força e resistência da cultura popular. É um documento que continua presente na memória e na cultura, séculos após sua primeira publicação.

O presente estudo teve por objetivo analisar a releitura do Lunário Perpétuo realizada pela Escola de Samba do Porto da Pedra de modo a identificar as formas como o Lunário circula e permanece na cultura popular brasileira através de suas apropriações e releituras. Ao proceder com essa análise, foi possível concluir que o Lunário tem longevidade ao longo dos séculos ao manifestar sua influência ainda hoje na cultura popular. Isso reflete sua importância enquanto documento e dispositivo infocomunicacional que medeia a informação e a cultura, e evidencia a relevância duradoura da comunicação popular escrita na cultura.

REFERÊNCIAS

AGOSTINELLI, Serge. Comment penser la médiation inscrite dans les outils et leurs dispositifs?: une approche par le système artefactuel. **Distances et savoirs**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 355-376, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-distances-et-savoirs-2009-3-page-355.htm>. Acesso em: 11 set. 2023.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Saberes e práticas de cura no “Lunário Perpétuo” de Gerónimo Cortés (1555-1615) e sua influência no Nordeste brasileiro**. Olinda:, 2012.

BOTREL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. *In*: MEYER, Marlyse (Org.). **Do almanac aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lunário Perpétuo. *In*: CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2008. p. 340-341.

CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. *In*: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanques no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 2010.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de comunicação e informação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/870908.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

DOURADO, Stella Moreira; MARTELETO, Regina Maria. O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita no contexto de uma coleção. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília, SP. **Anais [...]**. Marília: Unesp, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/511. Acesso em: 19 fev. 2024.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. As fortunas eruditas e populares do Lunário Perpétuo. **Imburana**: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, Natal, v. 5, n. 9, p. 23-35, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/6257>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**: 1954-1988: [tome] 3: 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994. p. 298-329.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 17-34.

GUERREIRO, Manuel Viegas; CORREIA, J. David Pinto. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, Lisboa, v. 6, p. 43-52, ago./dez. 1986. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/dmdocuments/almanques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

JEANNERET, Yves. **Penser la trivialité**: volume 1: la vie triviale des êtres culturels. Paris: Lavoisier, 2008.

JEANNERET, Yves. Dispositif. *In*: COMMISSION NATIONALE FRANÇAISE POUR L'UNESCO. **La "société de l'information"**: glossaire critique. Paris, La Documentation Française, 2005. Disponível em: https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Glossaire_Critique.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

LUNÁRIO Perpétuo: a profética do saber popular. Intérprete: Wantuir de Oliveira. Compositores: Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. São Gonçalo: Porto da Pedra, 2024. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/samba>. Acesso em: 17 abr. 2024.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. Compositores: Bráulio Tavares, Wilson Freire, Antônio Nóbrega. *In*: LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. São Paulo: Tratore, 2002. 1 CD, faixa 15.

MARTELETO, Regina Maria; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450/1104>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanaques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografia, coleções, rastros de leitura. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 354-372, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245250.354-372>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Les documents et leurs appropriations: réflexions sur “information-document” et reserve symbolique. **Sciences de la Société**, Toulouse, n. 68, p. 28-43, maio 2006.

MEDEIROS, Aline da Silva. Notas sobre a produção, a circulação e a leitura do Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez entre Portugal e o Brasil. **Revista portuguesa de História**, Coimbra, n. 46, p. 163-184, 2015.

MEYER, Marlyse; AGUIRRE, Zulene. Almanagues de farmácia. *In*: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 240-253, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22480>. Acesso em: 14 mar. 2024.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. Ariano Suassuna: do ensaio ao Almanaque. *In*: SUASSUNA, Ariano. **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: Edusp, 2009.

PORTO DA PEDRA. Lunário perpétuo: a profética do saber popular. *In*: **Porto da Pedra**, São Gonçalo. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/enredo>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. **Almanaque brasilidades**: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. Luiz Antônio Simas sobre o carnaval do Brasil: 'A luta e a festa são irmãs'. Entrevistador: Rodrigo Chagas. **Brasil de fato**, São Paulo, 21 fev. 2023, 08:20. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/21/luiz-antonio-simas-sobre-o-carnaval-do-brasil-a-luta-e-a-festa-sao-irmas>. Acesso em: 27 jun. 2024.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque armorial brasileiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.031, p. E8, 10 jul. 2000a. Ilustrada. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200026.htm>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SUASSUNA, Ariano. Elogio do almanaque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.038, p. E8, 17 jul. 2000b. Ilustrada. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1707200019.htm>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SZESZ, Christiane Marques. Os almanaques populares: leituras e apropriações em Ariano Suassuna. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, UFRGS, 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209320608_ARQUIVO_CHRISTIANEMARQUESSZESZ-CITACOESEALMANAQUES.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.